

## PROCESSOS CULTURAIS E APROXIMAÇÕES ENTRE ARTE E ANTROPOLOGIA A PARTIR DO TRABALHO DE ROCHELLE COSTI.

*Deise Aparecida de Oliveira<sup>1</sup>*

*Luciana Martha Silveira<sup>2</sup>*

**N**a arte recente temos muitos exemplos de trabalhos com interfaces de linguagens, materiais, conceitos, movimentos, culturalmente híbridos. Nesse artigo discutiremos algumas obras de Rochelle Costi, que se apropria de objetos da cultura popular e os transfigura em fotografias. Para a discussão, buscando evidenciar os embates culturais, a construção de conceitos e preconceitos ao longo da biografia dos objetos que a artista ressignifica na contemporaneidade e estão evidenciados em exposições de arte, utilizamos a cultura material como metodologia de investigação.

Com a cultura material defendemos que a trajetória dos objetos permite acessar os conceitos construídos social, histórica e culturalmente ao longo de seu percurso e como esses discursos são apropriados na História da Arte recente, que muitas vezes invisibiliza esses processos. A cultura material está ligada aos estudos antropológicos contemporâneos, com autores como Daniel Miller, pensando as relações que se estabelecem com os objetos, os usos e significados atribuídos socialmente, a construção desses objetos e nessa relação, em última análise, a construção de conceitos e dos sujeitos sociais. Nesse processo é possível evidenciar que a arte também se constrói nessas relações culturais.

Para discutir as tensões e entendimentos dos processos culturais, Nestor Garcia Canclini será o aporte teórico em diálogo com essa biografia dos objetos e o trabalho de Rochelle Costi, que é o propulsor de toda a discussão. Para tanto, a Série Quartos-São Paulo será o recorte para análise. A série foi produzida

---

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE/UTFPR). Pós-graduada em Gestão Escolar, Séries Iniciais e Pré-Escola na Uniassevi.

<sup>2</sup>Programa de Pós-Graduação Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE/UTFPR). Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

em 1998 e exibida na 24ª Bienal Internacional de São Paulo, do mesmo ano, com curadoria de Paulo Herkenhoff, que pensava o pavilhão denominado “Um entre Outros”.

## INTRODUÇÃO

Rochelle Costi é natural do Rio Grande do Sul e reside em São Paulo desde final de 1980. A artista escolhe as fotografias analógicas entre as décadas de 1980 até o início dos anos 2000, passando a trabalhar também com fotografias digitais e vídeos a partir desta data. Os suportes que Rochelle utiliza para a veiculação das imagens na década de 1990 redimensionam os objetos. Para Série Quartos-São Paulo, a artista utilizou grandes suportes, sem molduras, os expôs na Bienal Internacional de Arte de São Paulo, no Pavilhão Uns e Outros, com curadoria de Paulo Herkenhoff.

Essa maneira de apresentar os trabalhos da Série “Quartos-São Paulo”, gerou a ilusão de um outro espaço, questão que é recorrente no trabalho da artista. Esse outro espaço, o da intimidade, que sugere a liberdade de se andar entre os quartos de pessoas anônimas, de estar próximo a objetos cotidianos, bem como a visibilidade de vários quartos ao mesmo tempo, como um ambiente residencial visto por dentro, permite relacionar ao que Hal Foster (2017)<sup>3</sup> denomina como “artista etnógrafo”, pois o artista intencionalmente produz, em seu trabalho, relações com esse outro. O público é provocado a se questionar, questionar o ambiente à sua volta e questionar ainda o espaço expositivo.

Essas questões apontam para as pesquisas em cultura material, utilizadas como categoria de análise, para a leitura desse trabalho. Essa escolha permite evidenciar as relações que a obra de arte provoca, o que será observado a seguir, ao aproximar a história da arte, da cultura material. A cultura material é a linha da antropologia que discute a construção dos objetos pelos usos sociais, em relação à cultura, aos humanos e os próprios objetos, relacionados entre si.

## PROCESSOS CULTURAIS E CULTURA MATERIAL

Canclini (2017)<sup>4</sup> questiona sobre a condição latino-americana de produção de objetos artísticos. Para o autor, é importante questionar a dicotomia entre os conceitos que são visíveis na contemporaneidade. O autor aponta para a dissolução das fronteiras culturais que durante muito tempo configuraram marcações, e que na atualidade dá espaço para as hibridações, tanto culturais quanto conceituais. O autor usa o termo “culturas nômades”, para apontar a necessidade de mudança da forma de percepção a respeito dos

---

<sup>3</sup> FOSTER, Hal. *O retorno ao real: A Vanguarda no Final do Século XX*. São Paulo: UBU Editora, 2017.

<sup>4</sup> CANCLINI, Nestor G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

processos culturais, pois essa mudança fornece uma aproximação dos objetos produzidos culturalmente, transitando entre as disciplinas de forma mais autônoma, evidenciando a hibridez que o objeto de arte já carrega, por exemplo. Essa aproximação é um processo de negociação, em que tensões são estabelecidas por muitos fatores, o que reforça a necessidade de entendimento dos processos culturais, para além da palavra cultura. Para Canclini (2017)<sup>5</sup>, a palavra cultura é tradicionalmente carregada de conceitos que são explorados por várias linhas de pensamentos, o que muitas vezes ocasiona uma disputa de campo, no lugar de evidenciar a trajetória dos objetos a que se propõe observar.

A História da Arte se apropria de objetos da cultura material há muito tempo, porém, quando estão incorporados a espaços institucionais, como museus, galerias de arte, feiras de arte internacionais, a aura de obra de arte, não permite que esses processos sejam observados. Evidenciar os processos culturais permite que o objeto de arte seja analisado como construção social, pelos usos e significados atribuídos. Para Miller (2003)<sup>6</sup>, a trajetória dos objetos evidencia a vida social que esse objeto percorre e como é acionado em determinadas fases de usos sociais. Para Kopytoff (2008)<sup>7</sup> a trajetória dos objetos permite acessar esses usos e categorias sociais. Os valores, as formas, os significados, os desvios, são possíveis de apontar contextos sociais, relações entre os objetos e os humanos que com eles relacionam-se, bem como estabelecer novas narrativas.

Essas são características que a produção artística, nos anos 1990, permite observar. Canton (2000) aponta que “o sistema de corporações e o anonimato reestruturam rapidamente as relações construídas sobre um terreno globalizado. (CANTON, 2000, p.26).”<sup>8</sup> As mudanças que ocorreram no cenário internacional, com a tecnologia em rede oferecendo acesso à informações de maneira mais rápida, com a pressão de movimentos sociais e desenvolvimento da ciência genética, como exemplo, colaboraram para o que a autora denomina “narrativas envezadas”. Essas narrativas permitem novas abordagens, principalmente permite que se desconstrua a linearidade, que já inicia seu processo com as vanguardas europeias, no início do Século XX e tornam-se mais evidentes na década de 1990.

O Brasil participa dessas mudanças e a produção artística dos anos 1990 possui trabalhos de artistas como Rosângela Rennó, Adriana Varejão, Carmela Gross, Beatriz Milhazes, Iole de Freitas, Waltercio Caldas, Cildo Meirelles, entre tantos outros, participando de Bienais, Feiras Internacionais, em diálogo com a produção artística de outros países. Nesse cenário, Rochelle Costi já participava de exposições como a XXIV Bienal Internacional de Arte de São Paulo, com a Série Quartos-São Paulo.

---

<sup>5</sup>CANCLINI, Nestor G. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017

<sup>6</sup>MILLER, Daniel. *Trecos, traços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. São Paulo, Zahar. 2003.

<sup>7</sup>Kopytoff, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

<sup>8</sup>CANTON, Katia. *Novíssima Arte Brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

## SÉRIE QUARTOS-SÃO PAULO

Para a construção da Série Quartos-São Paulo, Rochelle Costi utilizou alguns critérios: a utilização do espaço e composição como estava disposto pela pessoa que residia no quarto fotografado, mapeamento da cidade de São Paulo, buscando bairros que oferecessem diferenças sociais. Esse dado é relevante para o trabalho, pois, é a partir da condição social que as pessoas que foram escolhidas, para apresentarem seus espaços íntimos. Outro fator é a escolha de diferentes profissionais com o intuito de apresentar as diferentes formas de morar, como o quarto de uma freira, o quarto de uma travesti que abria à visitação sua casa quase cenográfica, um ginásio que serviu de abrigo à famílias que passaram por uma tragédia em uma favela próximo ao espaço que foram acomodados. Ou seja, a própria artista selecionou um conjunto de quartos que pudessem apresentar as diferentes formas de morar, as diferenças sociais, a relação dos espaços com os objetos de acordo com esses marcadores, com o bairro que estavam acomodados. Essa escolha demonstra que a construção da Série Quartos-São Paulo, aponta para as questões como a aproximação do público com universos de intimidade, diferenças sociais, simulacro, interação com o público, a materialidade constituída culturalmente.

A imagem 1 faz parte da Série Quartos-São Paulo de 1998. No total, a Série é composta por 16 imagens, de distintos quartos, conforme mencionado anteriormente. O quarto apresentado na imagem 1 era o quarto da própria artista, fotografado para a Série em 1998. Ao analisar rapidamente a imagem 1, é possível perceber que a parede ao lado direito do público, contém objetos na parede. São corações de diferentes formatos, cores, tamanhos. A artista é uma colecionadora, como afirma em seu livro catálogo (Costi, 2005)<sup>9</sup> e esses corações fazem parte de uma coleção que Rochelle Costi mantém há mais de 20 anos.

Esse dado torna-se relevante, principalmente por conta da biografia que esses objetos carregam. Os corações da coleção da artista são acionados em diferentes categorias ao longo de suas trajetórias sociais. Os corações que estão na parede à direita do público, são corações que fazem parte da coleção particular da artista. A artista os coleciona desde criança. Esses objetos são objetos comuns, que a artista compra em feiras populares, ganha de amigos, coleta por lugares onde passa. São objetos que à priori não possuem um valor comercial alto, pois estão em uma coleção que possui um valor simbólico para Rochelle. Na imagem 1, os corações adornam a parede do quarto da própria artista.

A artista usou corações de sua coleção para uma instalação na Guatemala. Tratava-se de uma parede com 200 corações, de diversas cores e tamanhos. Se esse trabalho fosse vendido, por exemplo, parte da coleção da artista teria ido habitar outra casa, outro valor seria acionado a esses objetos, seriam objetos de arte. Ou seja, a coleção de corações de Rochelle Costi ganharia significado de objetos que estiveram

<sup>9</sup>COSTI, Rochelle. *Sem Título = Untitled = SinTítulo/RochelleCosti*. Galeria Cirmino, 2005.

expostos em uma parte da carreira da artista. Esse trajeto evidencia o que Kopytoff (2008)<sup>10</sup> aponta como biografia das coisas, em que os objetos são acionados de acordo com os desvios que são realizados nos usos sociais. Canclini (2003, 2017)<sup>11</sup> dialoga com essa abordagem, pois para o autor, é evidente que os processos culturais que os objetos estão imersos, revelam as tensões, os acordos, as hibridações que esses objetos apresentam. Perceber os processos culturais, permite que as hibridações que esses objetos de arte carregam, que desde o início do Século XX estão mais latentes, sejam evidenciadas.

Sabendo que esses objetos são parte de uma série construída por uma artista e que essa artista utilizou a fotografia para sua constituição, entende-se que é necessário pontuar o momento histórico e artístico que essa artista e esse objeto se constituiu. A década de 1990 no Brasil, é marcada pela entrada da globalização em rede, principalmente nos grandes centros como São Paulo, local onde a série foi realizada.

Hal Foster (2017)<sup>12</sup> usa o termo “artista etnográfico” para discorrer sobre a produção de arte recente, principalmente para artistas que passaram a produzir seus trabalhos a partir da década de 1960. “Há muitas formas de envolver o outro na arte do século XX, a maioria primitivista, ligada à política da alteridade: no surrealismo, em que o outro é figurado expressamente nos termos inconscientes (...) (FOSTER, 2017, p. 170).”<sup>13</sup>

A cultura material, segundo Miller (2013)<sup>14</sup> pretende pensar a construção social, artística, cultural, na relação dos objetos com os humanos. Nesse sentido, os objetos que aparecem na imagem 1, além de constituírem o ambiente, constituem o sujeito desse mesmo ambiente e só pode ser construído nessa relação, pois, os objetos, sem estarem em relação com um humano, são apenas objetos sem significados.

Pensando em outros quartos da História da Arte, o Quarto em Arles, de Vicent Van Gogh, talvez seja um dos quartos mais referenciados. O quarto pintado por Van Gogh é produzido no Século XIX. O artista utilizou a pintura como suporte para seu trabalho. O Quarto em Arles, assim como outros quartos produzidos por artistas ao longo da História da Arte, embora não seja referência direta para a fotografia que Rochelle Costi realizou, media o olhar da artista. Para cada fotografia realizada, a artista buscou ângulos, formas de olhar, ou seja, é parte da construção imagética do repertório da artista. Como artista, estudante de fotografia, Rochelle Costi pesquisou a História da Arte, o que certamente influenciou a maneira que a artista produziu seus trabalhos.

<sup>10</sup>Kopytoff, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

<sup>11</sup>CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003. \_\_\_\_\_, *Diferente, Desiguais, Desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

<sup>12</sup>FOSTER, Hal. *O retorno ao real: A Vanguarda do Final do Século XX*. São Paulo: UBU Editora, 2017.

<sup>13</sup>Idem.

<sup>14</sup>MILLER, Daniel. *Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciar os processos culturais, como aponta Canclini (2003, 2017)<sup>15</sup>, permite que a trajetória dos objetos seja percorrida, entendendo os usos sociais que catalogam esses objetos, acionando conceitos em determinados momentos de suas vidas sociais. Essas catalogações permitem observar a construção social que a obra de arte é parte, ou seja, é possível que a desconstrução da hierarquia que a aura do objeto de arte carrega, seja transfigurada, a partir de formas de ver esses objetos com disciplinas interdisciplinares. Na atualidade, esse processo tem sido observado em várias manifestações, como aponta Canclini (2016)<sup>16</sup>. O autor chama a atenção para as manifestações de coletivos sociais, que utilizam performances para suas reivindicações, enquanto artistas performáticos utilizam meios de comunicação em massa para produzir discursos artísticos. Para o autor, perceber que esse trânsito é praticado socialmente é necessário, assim é possível analisar a interdisciplinaridade que esses objetos propõem.

A cultura material aponta para essa possibilidade, pois, permite que a trajetória dos objetos seja evidenciada no processo de observação da relação de construção dos objetos socialmente, que em última análise, constitui o humano, assim como constituem os próprios objetos. Sendo esses indivíduos imersos na cultura, construindo e ressignificando os objetos culturais, não é possível se construir um olhar para os objetos de arte recente, com os mesmos paradigmas que faziam parte da construção de outras formas de pensamento estético.

E finalmente, é possível perceber, que quando o objeto passa pela validação do sistema de arte que o constitui, esses objetos que são advindos de diferentes lugares, como a cultura popular, na contemporaneidade assumem a categoria de objeto de arte, invisibilizando todo o processo cultural a qual pertence sua trajetória. Esse mesmo exemplo pode ser aplicado em outras áreas, o que é evidente ser percebido, quando os conhecimentos são definidos em uma única área do conhecimento. A hibridez que o objeto de arte carrega na contemporaneidade, permite que haja a interdisciplinaridade para que a dicotomia que esses objetos apontam possam ser amenizadas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

---

<sup>15</sup> CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.

<sup>16</sup> CANCLINI, Nestor G. *Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Iminência*. São Paulo: Edusp, 2016.

\_\_\_\_\_. *A Sociedade sem Relato: Antropologia e Estética da Imanência*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2016.

\_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2017.

CANTON, Katia. *Novíssima Arte Brasileira: um guia de tendências*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

COSTI, Rochelle. *Sem Título = Untitled = Sin título/RochelleCosti*; [entrevista Ivo Mesquita e texto Rafael Vogt Maia Rosa]. São Paulo: Metalivros, 2005.

FOSTER, Hal. *O Retorno do Real: A Vanguarda no Final do Século XX*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

Kopytoof, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

MILLER, Daniel. *Trecos, trocos e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

## FIGURAS



**Figura 1** – Rochelle Costi. Quartos-São Paulo. 1998. Fotografia Analógica, 1,80 x 2,30 cm. Fonte: [www.rochellecosti.com](http://www.rochellecosti.com).